



## O Jornalismo e a Reformulação da Experiência do Tempo nas Sociedades Ocidentais<sup>1</sup>

Carlos Eduardo Franciscato<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Sergipe

### Resumo

As experiências iniciais do jornalismo nos séculos XVII e XVIII nas sociedades ocidentais e sua consolidação como uma prática social institucionalizada a partir do século XIX possibilitaram a construção de um tipo específico de experiência social do tempo presente, em que uma diversidade de fenômenos temporais ganhou especificidade devido à existência e atuação da instituição jornalística. Buscaremos demonstrar, neste *paper*, que o tempo presente é uma dimensão essencial ao jornalismo, desenvolvendo um estudo de caráter sociológico, com base em um percurso histórico como estratégia metodológica para, então, destacar cinco tipos de fenômenos temporais que o jornalismo opera, aos quais proporemos cinco categorias descritivas: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública.

**Palavras-chave:** jornalismo; história do jornalismo; tempo presente

### Introdução

A experiência social do tempo vem sendo afetada diretamente pela estrutura e atuação dos meios de comunicação, em particular a instituição jornalística. O fenômeno temporal é um componente essencial de uma definição de jornalismo e das relações que este desencadeia na sociedade. O jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente. Ao fazer isto, o jornalismo atua de forma privilegiada como reforço de uma temporalidade social, enquanto produtor de formas específicas de sociabilidade. Consideramos o jornalismo uma criação institucional pela qual indivíduo e sociedade produzem a sua vivência social do momento presente. Situamos o jornalismo como uma das condições necessárias para esta vivência se realizar em alguns tipos de relações sociais.

As experiências iniciais do jornalismo nos séculos XVII e XVIII nas sociedades ocidentais e sua consolidação como uma prática social institucionalizada a partir do século XIX possibilitaram a construção de um tipo específico de experiência social do tempo presente, em que uma diversidade de fenômenos temporais ganhou especificidade devido à existência e atuação da instituição jornalística. Trabalhamos, neste *paper*, a noção de tempo presente não somente como uma qualidade particular de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao II Colóquio Brasil-Estados Unidos de Ciências da Comunicação – 2005.

<sup>2</sup> Professor da Universidade Federal de Sergipe (Brasil). Curso Mestrado e Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia. Jornalista. E-mail: carlosfr@infonet.com.br.



um produto, mas como um fenômeno social composto por práticas sociais, relações de sentido e atributos inscritos em produtos culturais.

Procuramos desenvolver um estudo de caráter sociológico, utilizando o percurso histórico (particularmente uma perspectiva de história social) como estratégia metodológica para possibilitar a visualização de fenômenos temporais e a formulação de categorias descritivas sobre três ordens de experiências sociais às quais a instituição jornalística está diretamente vinculada: a) Fatores tecnológicos no transporte e na transmissão de informações; b) Aspectos industriais na formação das organizações jornalísticas e sua participação em um mercado em constituição; c) A formação de novos comportamentos sociais a partir da urbanização acelerada e do desenvolvimento de hábitos de leitura e discussão.

Pretendemos percorrer a formação histórica do jornalismo com o objetivo de identificar que o fator temporal tem sido um dos elementos determinantes para esta conformação do jornalismo a um conjunto de práticas, princípios e valores integrados em uma instituição social. Ao mesmo tempo, visualizaremos que a pluralidade de aspectos que compõem a temporalidade no jornalismo vai impor uma análise dos fenômenos conforme sua especificidade e sua interrelação com outros processos sociais. No jornalismo, entendemos que este conjunto de fenômenos pode ser compreendido em uma dimensão articulada, a qual denominaremos de atualidade jornalística.

Destacaremos então, cinco tipos de fenômenos temporais que o jornalismo opera, os quais consideramos mais apropriado delinear por meio de categorias descritivas. São fenômenos interligados, e não pretendemos, neste esforço analítico, decompô-los em partes independentes. Proporemos cinco categorias descritivas de relações temporais que o jornalismo desencadeia, ligadas a ações, situações e modos de tratamento de eventos no tempo presente: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Buscaremos inseri-las nos movimentos históricos amplos que criaram condições, processos e sentidos para o surgimento e a consolidação do jornalismo, mas percebendo também como movimentos internos à instituição jornalística constituíram tensões, rotinas, normas, valores e práticas com certa autonomia em relação aos processos sociais originários.

### **1) O tempo presente como dimensão essencial do jornalismo**

Entendemos que a temporalidade do presente é um aspecto essencial da atividade jornalística em pelo menos três momentos. O primeiro deles pode ser



identificado quando recorremos à literatura historiográfica para compreender a emergência do jornalismo nas sociedades ocidentais e perceber que o fator temporal foi um componente decisivo para a constatação de que uma nova prática social, ligada à produção de relatos sobre fatos cotidianos, era socialmente necessária. Os autores consultados evitam datações precisas, embora Hunter (1990) aponte, por exemplo, que a experiência cultural inglesa no final do século XVII e início do XVIII tenha desenvolvido uma fixação pela vida contemporânea e pela novidade, uma consciência aguda dos eventos mais recentes e um desejo por inovação e originalidade.

O jornal se tornou um novo componente de uma cultura escrita para tratar do transitório e do mundano (Sommerville, 1996), inovando por oferecer narrativas curtas e efêmeras sobre ocorrências 'estranhas mas verdadeiras' (Lovell, 1992). A incorporação do tempo e dos fatos do cotidiano das comunidades, comuns em conversações e relatos orais, na definição da temporalidade e do conteúdo de um discurso escrito (particularmente aquele impresso) marcou uma caracterização rudimentar do jornalismo como produto e como prática social. Em estudos como o de Benedict Anderson (1991) analisando a criação de uma idéia de comunidade nacional na Europa Ocidental do século XVIII e em Kern (1983) abordando a formação de um sentido de simultaneidade na cultura e nas sociedades ocidentais na passagem dos séculos XIX e XX, o jornalismo se consolida como uma escrita sobre eventos, temas e situações do momento presente que estejam fora do alcance da experiência direta de grande parte da coletividade, contribuindo ao estabelecimento de relações sociais ligadas a esta temporalidade.

O segundo momento de investigação do vínculo indissociável entre jornalismo e tempo presente considera os modos como a temporalidade orientou a institucionalização do jornalismo tanto na organização interna de suas práticas e definição de seu produto quanto nas relações sociais amplas que o jornalismo produziu. O controle do tempo com vistas a preservar o vínculo da atividade com o presente se tornou um princípio de organização e planejamento de tarefas, estruturação de rotinas e circulação de produtos.

O tempo se institucionaliza tanto como um fator de identidade como de tensão. A temporalidade dá uma forma cultural ao principal produto jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atuação e existência social. A notícia tem um tempo de existência efêmero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organização jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substituição regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos. A notícia traz,



normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal, sua duração breve na expressão de um presente que se esvai.

Em contrapartida, o tempo deflagra um estado de tensão entre dois movimentos: por um lado, a velocidade das coisas do mundo, num ritmo desigual entre regularidade e imprevisibilidade; por outro, a velocidade da produção do discurso jornalístico sobre este movimento. O jornalismo vive um permanente risco de que o sentido de tempo que traz no seu discurso se descole do tempo do mundo. Ao mesmo tempo, a instituição jornalística desenvolveu procedimentos e técnicas de afirmação pública de uma capacidade sua de superar o risco de desencaixe real entre o tempo do mundo e o tempo da produção jornalística. O jornalismo é um relato de algo que pertence ao presente, a um tempo presente definido por relações habituais e simbólicas de referência para o agir humano, mesmo que este evento já tenha ocorrido há alguns momentos.

Compreender a temporalidade do presente como aspecto central do jornalismo consiste, em terceiro lugar, em afirmar que o jornalismo não apenas produz relatos sobre eventos, mas sua inserção social faz com que ele esteja imerso no processo de construção da experiência social do presente. Sua produção institucional de conteúdos de atualidade oferece à sociedade formas específicas pelas quais indivíduo e sociedade produzem a sua vivência social do momento presente, tornando-se, muitas vezes, uma das condições necessárias para esta vivência se realizar em certas relações sociais.

Estamos indicando, então, que o presente é o tempo de referência para a ação humana ocorrer. O tempo do jornalismo está vinculado ao tempo de eventos, temas e situações que estejam em ato, em constituição, em movimento, e interfere de duas maneiras nesta construção temporal. Por um lado, na definição social de certos eventos, entendendo por evento uma construção social com base em situações que ganham uma caracterização e um reconhecimento coletivo por meio de operações simbólicas. Os eventos têm seu próprio regime de tempo. A produção do evento jornalístico implica, desde a sua origem, em uma situação de corte no tempo dos eventos. Os eventos jornalísticos não são apenas marcadores simbólicos sobre o tempo presente, mas são definições temporais sobre modos de viver o presente.

Além da definição temporal dos eventos jornalísticos, o jornalismo produz um sentido temporal no momento de sua circulação social, ao contribuir para que discussões, formulações ou execuções de ações sociais ocorram de uma forma específica no tempo presente. O conteúdo jornalístico e suas formas expressivas



fornecem um conjunto de informações que subsidiam a construção de ações sociais, seja na formação de agendas, estímulo a debates ou formulação de decisões públicas.

Assim, torna-se compreensível a atualidade como aspecto central do jornalismo ao percebermos haver um sincronismo fundamental entre o tempo do jornalismo e o tempo de uma série de ações públicas em construção (Park, 1955), ambos vinculados ao movimento das coisas do presente. A participação do jornalismo na construção da temporalidade pública do presente é variada conforme o tipo de evento noticioso, sua forma expressiva, seus modos de circulação e recepção e o contexto social em que notícias e ações irão interagir.

## **2) O jornalismo e a construção da experiência social do presente**

A pluralidade de aspectos da temporalidade no jornalismo tem nos imposto uma necessidade de analisar diferentes fenômenos de acordo com sua especificidade e, ao mesmo tempo, tem nos levado a considerar que estes fenômenos são parte de uma mesma dimensão articulada e complementar, que estamos denominando de atualidade jornalística. Durante o percurso histórico realizado, conseguimos visualizar pelo menos cinco tipos de fenômenos temporais imbricados na atividade jornalística. Para torná-los perceptíveis e operativos em sua especificidade, estamos propondo a definição de cinco categorias descritivas destes fenômenos que, para nós, alcançam objetividade social ao se concretizarem em relações sociais e de sentido.

Sabemos que estes fenômenos são interligados e não estamos pretendendo, com esta metodologia, decompô-los em partes independentes. Mas entendemos que o esforço analítico que empreenderemos a seguir poderá nos ajudar a perceber os mecanismos e as relações diferenciadas que os atores (jornalistas, as organizações que os aglutinam, as instituições sociais e seus públicos) estabelecem, com seus produtos e processos sociais. Entendemos que estes fenômenos se constituíram historicamente como parte de um processo de formação do próprio jornalismo como uma instituição social. Por isso, utilizaremos algumas experiências históricas e sociais como situações exemplares para descrever manifestações do fator temporal no jornalismo.

### **a) Instantaneidade**

A categoria da instantaneidade foi sendo constituída por duas principais referências no jornalismo. A primeira dedicou-se a salientar a dimensão da materialidade física da instantaneidade, referindo-se a uma possibilidade de ausência do



intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento, seu registro, sua transmissão e recepção por um público. Em uma perspectiva histórica, a instantaneidade não foi uma conquista material real e plena nos primeiros séculos de existência do jornalismo.

Entretanto, o fenômeno temporal que esta categoria expressa ganhou contornos mais nítidos na evolução gradativa da velocidade tanto da transmissão e distribuição da notícia quanto nos modos de sua produção. A conquista gradativa de intervalos mais breves na movimentação de eventos criava um sentimento de que o tempo de ocorrência de um evento estava cada vez mais próximo do tempo de sua recepção.

A segunda referência histórica da instantaneidade localizou-se numa dimensão sócio-cultural. A instantaneidade tornou-se tanto um valor normatizador da prática jornalística na busca de garantir que o seu relato 'fale sobre o tempo presente' quanto um sentido cultural que faz o produto jornalístico ser identificável como conteúdo de atualidade. A instantaneidade caracterizava um sentido de tempo em que os eventos jornalísticos se situavam próximos ao tempo presente da experiência cotidiana do leitor, sensação que se intensificou com a aceleração do ritmo de produção jornalística.

Ao mesmo tempo, é impensável, à nossa concepção contemporânea de tempo, que o termo instantaneidade pudesse ser utilizado na Europa dos séculos XVII e XVIII para se referir ao envio, aos jornais, de cartas manuscritas por correspondentes localizados à distância da sede com o objetivo de municiar estas publicações com novidades das províncias, utilizando para isso o sistema de correios da época, com sua periodicidade ampliada. Também não nos parece razoável falar de instantaneidade quando consideramos as notícias estrangeiras desta época, em que uma rede precária de transmissão fazia com que uma informação sobre um evento em um país estrangeiro demorasse dias para chegar à sede do jornal, pois dependia da irregularidade dos meios de transporte (no caso da Inglaterra, o transporte marítimo levando notícias do continente). Alguns jornais obtinham as notícias somente após serem impressas por outras publicações estrangeiras, o que produzia um intervalo considerável de tempo entre o evento e sua leitura efetiva (Barker, 2000).

Os meios de transporte realmente têm fornecido condições estruturais para a apreensão do movimento e da velocidade em diferentes sociedades. O período anterior às estradas de ferro, por exemplo, impunha aos viajantes enfrentar a precariedade das estradas e correntezas dos rios em veículos e embarcações frágeis, o que lhes deixava mais expostos à adversidade do clima. O surgimento das estradas de ferro e das locomotivas no século XIX trouxe três vantagens diretas aos jornais: alcançar públicos



mais distantes nas províncias, beneficiando-se também de uma maior facilidade em obter informações pelo território nacional; reduzir o tempo de transporte dos jornais; e dar uma maior regularidade neste transporte, com o surgimento de um controle e cronometragem precisas do tempo nas partidas e chegadas dos trens (Brown, 1985: 7; Whitrow, 1993: 181). Mesmo assim, nenhum destes fatores nos conduz a um sentido de instantaneidade. Conforme Woolf, era literalmente impossível, antes do telégrafo, que um evento fosse percebido quase imediatamente a grande distância (2001: 83).

Assim, a primeira grande promessa de uma instantaneidade no jornalismo surgiu com o telégrafo. Mas seu potencial de transmissão era limitado: apenas o envio do sinal era simultâneo, dependendo da existência de uma rede de fios conectando duas estações de transmissão e de que não ocorressem quedas ou interrupções na transmissão. Todo o processo jornalístico (do qual o telégrafo constituía-se, no início, apenas um recurso para conectar o repórter à sede do jornal) possuía um consumo relevante de tempo, pois implicava na codificação/decodificação do texto noticioso em sinal telegráfico, um trabalho também dispendioso para textos longos (Blondheim, 1994: 12).

Em outras palavras, o surgimento do telégrafo acelerou o processo de produção da notícia, pois estabelecia um recurso para transmissão instantânea de um ponto a outro, mas esta instantaneidade não se expandia para as outras etapas do processo de produção e distribuição dos jornais. Mesmo assim, o efeito social e cultural desta aceleração da transmissão foi fantástico para a criação de um novo sentido de recenticidade e brevidade na produção e no conteúdo noticioso, assim como para reforçar, no público, seu vínculo com o tempo presente dos eventos em desdobramento.

As aplicações do telefone como ferramenta jornalística no final do século XIX aceleraram também os modos de produção jornalística, embora em moldes semelhantes ao do telégrafo. Seu efeito inicial principal aconteceu no trabalho do repórter em apurar e transmitir informações para a sede do jornal: agora, informações poderiam ser obtidas por telefone em locais que já dispunham do aparelho, como as repartições policiais das grandes cidades (Berger, 1951: 185).

## **b) Simultaneidade**

A categoria da simultaneidade demarcou uma possibilidade nova de experiência temporal: a capacidade de sincronizar ações ou eventos que se realizassem num mesmo momento, mesmo que ocorressem diferenças na velocidade de realização, duração, conseqüências ou desdobramentos. Os calendários e os relógios foram, na história das



civilizações, recursos iniciais para dar às sociedades capacidade de perceber que eventos à distância poderiam ocorrer simultaneamente.

A simultaneidade se manifestou, por um lado, na capacidade técnica de sincronizar eventos complexos e sua aplicação sobre a produção econômica e, por outro, nos modos de estabelecer novas relações e sentidos para ações sociais e produções culturais. Benedict Anderson (1991) pesquisou a simultaneidade nos séculos XVII a XIX como uma manifestação sócio-cultural de um sentido público de comunidade que habita um tempo e um espaço delimitados (a 'nação') e percebeu que os jornais executavam um papel particular nesta relação: o ato de ler jornais constituía-se em um hábito social (uma ritualidade) em certos momentos do dia, e o conteúdo jornalístico fazia os indivíduos se sentirem participantes (de forma real ou imaginária) das ações e decisões que envolviam toda a comunidade.

O aumento da velocidade dos processos sociais e as novas tecnologias de transmissão de informações no final do século XIX tornaram a simultaneidade uma experiência social e cultural complexa. Eventos pareceram se multiplicar aos olhos de uma sociedade sob tecnologias que possibilitavam situações de simultaneidade, e expressões como um presente 'densificado' - "*thickened present*", em Kern (1995) - e 'compressão do tempo-espaço' (Harvey, 1993) são formuladas para descrever esta ampliação do horizonte das coisas possíveis de serem vivenciadas no tempo presente.

Kern usa a categoria de 'simultaneidade' para demonstrar como novas tecnologias ou técnicas artísticas podem expandir espacialmente o presente vivido por um indivíduo ou uma coletividade. Se há uma capacidade de superpor, sincronizar ou acessar mais de um ambiente ou relação de experiência física num mesmo momento, o tempo presente acaba multiplicando-se espacialmente, possibilitando que várias experiências pudessem ser empreendidas simultaneamente. Ou seja, o fenômeno da simultaneidade possibilitou que o sentido de tempo presente pudesse ser vivenciado por diferentes grupos de pessoas localizadas em diferentes locais (Kern, 1983: 81-82).

O jornal incorporou parte destas relações de simultaneidade e as desenvolveu de maneira particular. Podemos recorrer a Benedict Anderson para perceber como os jornais, já no século XVII, criaram novos laços de simultaneidade entre as pessoas, como o surgimento de uma consciência do leitor de jornais, que opera e se reconstrói cotidianamente em cada momento que o jornal vai a público. Anderson usa o termo antropológico de uma 'cerimônia de massa' para descrever este ato paradoxal: por um lado, um movimento quase repetitivo, rotineiro e habitual de receber o jornal em cada





manhã, sentar e o ler com avidez; por outro lado, a consciência de que esta leitura é realizada por um público amplo, espalhado pelo espaço de circulação do jornal, e de que será a partir desta leitura que inúmeras ações serão interpretadas, definidas, modificadas ou questionadas, seja em discussões no ambiente do lar ou em espaços de reunião pública. A simultaneidade que o jornalismo produz é, então, um dos modos a fazer com que um corpo social (uma parte dele, pelo menos) supere estados de atomização social e seja estimulado a agir de forma minimamente coordenada, não somente nas ações, mas nas concepções e valores sobre os eventos descritos nos jornais e outros, ausentes das páginas jornalísticas, mas correlatos em características básicas com aqueles noticiados.

Um outro tipo de relações de simultaneidade no jornalismo tem tanto componentes estéticos quanto sociais. As experiências culturais de simultaneidade na passagem do século XIX e XX mostraram novas possibilidades de combinações de 'discursos', com as formas de construção de imagens, polifonias de vozes, intercalações de narrativas e ações e de rompimento da linearidade no relato sobre o evento que se desdobra, conforme descreve Kern (1983). O jornalismo não executa um mergulho tão profundo nestas linguagens de desconstrução e reconstrução de impressões, imagens e eventos quanto a poesia, a música, pintura, literatura ou cinema. Mesmo assim, a página de jornal carrega características que possuem semelhança a essas experiências estéticas e, ao mesmo tempo, o jornal é, em certa medida, uma experiência estética particular.

O jornal trabalha com um fator temporal que orienta para um ponto inicial de coesão de uma página de jornal: no conjunto, os textos jornalísticos falam de eventos que ocorreram simultaneamente. Mas esta 'coexistência' no espaço da página não é sem tensão. Para torná-la inteligível e harmônica, o jornalista busca estabelecer relações diversas entre eventos que, de início, talvez não tenham relação direta.

A simultaneidade desta 'polifonia de vozes' é, no jornalismo, um fator de construção de uma especificidade de conteúdo e estrutura textual. Ambos estão ligados temporalmente ao 'tempo do evento', mas será o jornalismo, operando num esforço de construir um sentido de atualidade, que fará uma reformulação destes elementos. De um certo modo, a atualidade jornalística surge de uma 'polifonia de vozes' - surge para tentar superar as dissonâncias temporais e construir um discurso que articulará e minimizará diferenças, fragmentará e re-arranjará conteúdos para conseguir, a partir de uma referência temporal do presente, uma harmonia mínima no seu produto.

### **c) Periodicidade**



A periodicidade é um dos fenômenos temporais mais marcantes da especificidade do jornalismo em seus primórdios. O estabelecimento de uma produção jornalística em intervalos regulares e fixos por incipientes organizações dos séculos XVII e XVIII redefiniu e reordenou formas de experimentar socialmente o tempo. A produção regular de notícias deu à sociedade um envolvimento continuado com eventos, desenvolvendo padrões de lembrança que possibilitavam acompanhar eventos em seu desdobramento, e, talvez, perceber relações causais (Raymond, 1999). Além disso, a regularidade na oferta de notícias garantia uma alimentação continuada de informações para municiar debates e decisões públicas.

A periodicidade jornalística institucionalizou-se como um modo de ordenar o tempo social tanto no âmbito do controle e da normatização quanto da criação de formas, práticas e processos sociais materiais ou simbólicos. Isto significa que a periodicidade surgiu como um fenômeno particular, mas implicado em relações complexas. Em um âmbito interno da organização jornalística, a periodicidade contribuiu para criar relações internas à organização jornalística marcadas por um controle preciso do tempo e das etapas de produção e uma planificação de ações e tarefas em cronogramas rígidos. Esta normatização do tempo penetrou nas percepções e formas individuais de uso do tempo pelo repórter, articulando indivíduo e organização num movimento ao mesmo tempo harmônico e conflituoso.

A periodização dos jornais direcionou modos de definir e dar forma à notícia. O intervalo de tempo entre duas edições sucessivas surge como uma fronteira para demarcar a atualidade dos eventos, indicando a sua validade temporal como potencialmente noticiáveis. Produzir uma notícia implicou em fragmentar eventos em cortes temporais conforme a periodicidade da publicação. Em uma dimensão macro-social, esta forma de operar a temporalidade do evento contribuiu para a redefinição da temporalidade pública: mútuas influências entre a atividade jornalística e a sociedade fazem com que o produto jornalístico esteja associado tanto aos ritmos da vida cotidiana quanto da organização jornalística.

#### **d) Novidade**

Percebemos que, desde as primeiras experiências regulares do jornalismo ainda no século XVII, noticiar um evento tem significado levar a público um relato sobre algo novo que surge no ambiente social e gera importância ou curiosidade para uma coletividade. Historiadores do jornalismo identificaram que a 'novidade' de uma notícia

podia ser captada em características como 'frescor' (*freshness*) ou 'recenticidade' (*recentness*), marcando um traço peculiar que se adequava a uma miríade de situações, tanto sobre a vida cotidiana das comunidades, questões de interesse e envolvimento social, ações do Estado quanto detalhes da vida da aristocracia.

A proposição da categoria da 'novidade' para descrever um aspecto específico da temporalidade jornalística pretendeu mostrar que a notícia é indissociável de uma lógica de inovação, originalidade ou renovação que padroniza um modo de reconhecer e definir eventos e os apresentar publicamente por meio do relato jornalístico. A novidade conduz-nos a uma vinculação do 'novo' relatado jornalisticamente ao tempo presente das coisas que brotam na temporalidade do 'agora'.

A novidade jornalística é padronizada para possibilitar que os jornalistas produzam uma notícia enquanto um objeto complexo, num processo de fabricação que parte de uma matéria-prima inicial (o novo que surge) para dar identidade sócio-cultural ao produto jornalístico. O jornalismo depende da novidade como um modo de orientação e reconhecimento, para jornalista e leitor, de que eventos ou facetas destes estejam irrompendo novos num ambiente social e devem ser relatados jornalisticamente.

A transformação, em evento jornalístico, de uma ocorrência que irrompe nova depende, no entanto, de um imbricamento entre este novo que surge como ruptura ou mudança e um estado de continuidade em pelo menos dois aspectos: em primeiro lugar, pela consolidação de um quadro interpretativo padronizado para reconhecer o novo como diferença em relação a um estado de permanência; em segundo lugar, pela operação destes valores em procedimentos rotineiros e organizacionais que limitam as possibilidades de busca do 'novo' e estimulam a visitação recorrente a certos assuntos, fontes e instituições em detrimento de outros.

A instituição jornalística se formou historicamente para tornar operacional e regular a disponibilidade pública da novidade como uma forma de responder a uma expectativa de ampliar a experiência social e cultural do tempo presente. Entretanto, este é um processo de fabricação que tende a não ser facilmente perceptível pelo leitor, e a novidade parecer estar naturalizada no evento, como uma irrupção espontânea.

#### **e) Revelação pública**

A categoria de revelação pública foi proposta com o objetivo de mostrar que o jornalismo não é apenas um registro do tempo presente, mas um modo de construir esta temporalidade em sua inerente discursividade. O discurso jornalístico não apenas traz

um sentido de conter o tempo presente inscrito nas intenções de sua produção e nas marcas do seu produto, mas ele intervém na construção do tempo ao ser enunciado em regras discursivas partilhadas entre os interlocutores (a instituição jornalística e seus públicos). O próprio modo de enunciação do jornalismo já é uma afirmação da 'presentidade' do seu conteúdo.

Entendemos que as situações analisadas na história do jornalismo e em algumas experiências concretas contemporâneas serviram para marcar um componente específico da atualidade jornalística: a enunciação é um momento privilegiado de estabelecimento de uma interação no tempo presente. O tempo da enunciação é, para o jornalismo, um 'marco zero' no tempo de circulação pública de uma notícia, a partir da qual ela se torna um 'documento público' (Park, 1955).

Utilizamos a expressão 'revelação pública' para caracterizar que o jornalismo executa um procedimento de trazer a público um conteúdo novo ao seu leitor, dar-lhe a conhecer algo que estava fora do âmbito público. Este desconhecimento público pode ser decorrente da peculiaridade de um evento que irrompe novo no social, mas também pode ser consequência de um conteúdo ou situação que ocorria em uma esfera do privado e do segredo e que a instituição jornalística (seus valores, critérios de noticiabilidade e seus modos de apuração e expressão) busca torná-lo público.

A categoria da revelação pública pretende, então, descrever este duplo movimento articulado: o ato de revelar algo por meio da apuração jornalística e sua publicização visando exatamente sua propagação pública. Ambos momentos sedimentam o tempo presente com formas discursivas que constroem eventos como produtos simbólicos e contribuem para dar substância à experiência do presente.

Alguns registros históricos tornaram possível destacar o aspecto temporal de interações discursivas que, se não foram diretamente construídas na e pela instituição jornalística, tiveram, nos conteúdos jornalísticos, um recurso para impulsionar e dar sentido específico a elas. As discussões nas casas de café da Europa dos séculos XVIII e XIX, principalmente, tinham o conteúdo jornalístico como um objeto e um estimulador dos debates: a leitura em voz alta das notícias, a audição atenta e os diferentes tipos de discussão reforçavam no jornalismo o seu vínculo com o tempo presente dos grupos no processo de constituição de suas identidade de interesses, concepções e valores, bem como podiam lhes orientar na definição de ações decorrentes (Raymond, 1999; Hunter, 1988). Isto significa que o tempo da interação discursiva estimulada pelo jornalismo

marcava um sentido de tempo presente para seu público não só na enunciação do conteúdo jornalístico, mas também em sua discussão pública.

### **Considerações finais**

Ao longo deste *paper*, buscamos demonstrar que as mudanças trazidas pelo jornalismo para a experiência social do tempo presente nos séculos XVII a XIX possibilitaram-nos construir um mapeamento de fenômenos temporais e sistematizá-los em categorias descritivas. Propusemos um conjunto de cinco categorias que possam delimitar as principais manifestações temporais do jornalismo: instantaneidade, simultaneidade, periodicidade, novidade e revelação pública. Não estamos afirmando que este é o único modo de tratarmos teoricamente a temporalidade no jornalismo, mas afirmar que o percurso, feito desta forma, alcança considerável êxito.

O esforço de sistematização teórica acima exige uma observação complementar: as categorias temporais apresentadas não podem ser vistas somente de forma isolada, mas relacionadas entre si. A atualidade jornalística não é uma soma de características temporais individuais, mas um imbricamento entre elas, pois são manifestações particulares de um modo comum de vivenciar o presente. Há que se considerar também uma diferença na importância de certos fenômenos para demarcar esta experiência temporal e ressaltar que alguns aspectos têm sido mais determinantes do que outros para a construção jornalística de um sentido de tempo presente em diferentes períodos.

As fontes bibliográficas consultadas permitem-nos indicar uma proeminência das categorias de novidade e periodicidade na delimitação inicial do vínculo da notícia com o tempo presente. A novidade foi a manifestação de uma temporalidade mais primária, mais primitiva, porque qualificava um evento a partir de uma singular intenção de apresentar um relato verídico novo para um público. As '*spoken news*' (Stephens, 1988) foram experiências de transmissão de relatos orais do 'novo' mesmo em períodos antigos das civilizações.

A disseminação social de uma tecnologia voltada para publicações impressas criou condições para uma produção periodizada. A periodicidade surgiu como um procedimento de construção de uma regularidade na produção e oferta, com nítida consequência para a própria caracterização do jornal como um 'periódico' e na delimitação e conformação do produto notícia. A periodicidade é um componente que modificou relações sociais ao gerar habitualidade de leitura e envolvimento dos leitores com eventos em desdobramento.



A periodicidade forneceu parâmetros de organização da atividade jornalística em pequenas unidades produtivas e na sua relação com o público, bem como indicou limites para a produção do conteúdo jornalístico. O constrangimento imposto pela periodicidade semanal a partir da metade do século XVII estabeleceu uma maior rigidez no uso do tempo e limitou a possibilidade de produção de relatos sobre novos eventos. Cumprir a periodicidade estabelecida significava, ao mesmo tempo, continuar garantindo a novidade das notícias e também a sua veracidade mesmo que a celeridade da produção lançasse sobre o produto jornalístico certa desconfiança quanto à capacidade efetiva de o relato ser fiel à realidade que propunha descrever.

A periodicidade auxiliou a constituir a instituição jornalística como uma mediadora social de padrões de regularidade temporal. Fenômenos como a simultaneidade alcançaram uma experiência social mais concreta com a circulação periódica dos jornais. Colocar em disponibilidade regular informações sobre eventos de interesse para um público amplo tornou-se uma referência para que as ações de diferentes atores ocorressem num sentido de sincronismo entre evento e público ou entre diferentes públicos. Ao decompor situações e relatá-las passo a passo em emissões regulares, a instituição jornalística facilitava a construção de ações públicas relacionadas ao conteúdo jornalístico por grupos ou instituições sociais (debates públicos, reações diversas, desdobramentos ou novos encaminhamentos).

Simultaneidade e, também, instantaneidade são categorias que, nas experiências iniciais do jornalismo, referiam-se principalmente a possibilidades sócio-culturais que orientavam práticas sociais voltadas para a experiência do tempo presente. Sabemos que a instantaneidade não era materialmente possível até o aparecimento do telégrafo, mas sua capacidade de demarcar um efeito temporal crescia com a aceleração da velocidade de várias práticas sociais, como os transportes e a transmissão de informações. Em outras palavras, instantaneidade e simultaneidade não tiveram um impacto acentuado se considerarmos sua expressão tecnológica, mas foram importantes marcadores na construção de uma experiência do tempo presente operada pelo jornalismo.

### **Referências Bibliográficas**

- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities - Reflection on the Origin and Spread of Nationalism*. London and New York: Verso, 1991.
- BARKER, Hannah. *Newspapers, Politics and English Society, 1695-1855*. Harlow, England: Longman, 2000.



- BERGER, Meyer. *The Story of The New York Times – 1851-1951*. New York: Simon and Schuster, 1951.
- BLONDHEIM, Menahem. *News over the Wires – The Telegraph and the Flow of Public Information in America, 1844-1897*. Cambridge, Mas.: Harvard University Press, 1994.
- BROWN, Lucy. *Victorian News and Newspapers*. Clarendon Press: Oxford, 1985.
- HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna - Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural*. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- HUNTER, Paul. 'News, and new Things': Contemporaneity and the Early English Novel. *Critical Inquiry*. Vol 14, Spring 1988, p. 493-515.
- \_\_\_\_\_. *Before Novels - The Cultural Contexts of Eighteenth-Century English Fiction*. New York: Norton & Company, 1990.
- KERN, Stephen. *The Culture of Time and Space 1880-1918*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1983.
- \_\_\_\_\_. Wireless World. In: CROWLEY, D.; HEYER, P.. *Communication in History - Technology, Culture, Society*. 2nd. ed. New York: Longman Publishers, 1995, p. 228-232.
- LOVELL, Terry. Before Novels: The Cultural Context of Eighteenth Century English Fiction. *The Sociological Review*. Vol 40, Nº 1. London: Blackwell Publishers, Feb 1992, p. 209-11.
- PARK, Robert E. News as a Form of Knowledge. *Society– Collective Behavior, News and Opinion, Sociology and Modern Society*. Illinois: The Free Press, 1955a, p. 71-88.
- RAYMOND, Joad. *The Invention of the Newspaper - English Newsbooks - 1641-1649*. Oxford: Clarendon Press, 1996.
- \_\_\_\_\_. The Newspaper, Public Opinion, and the Public Sphere in the Seventeenth Century. In: RAYMOND, Joad (ed.) *News, Newspapers, and Society in Early Modern Britain*. London: Frank Cass, 1999, p. 109-140.
- SCHRÖDER, Thomas. The origins of the German press. In: DOOLEY, Brendan; BARON, Sabrina (eds.). *The Politics of Information in Early Modern Europe*. London and New York: Routledge, 2001, p. 123-150.
- SCHUDSON, Michael. *Discovering the news: a social history of American newspapers*. New York: Basic Books, 1978.
- SOMMERVILLE, C. John. *The News Revolution in England - Cultural Dynamics of Daily Information*. New York: Oxford University Press, 1996.
- STEPHENS, Mitchel. *A History of News – From the Drum to the Satellite*. New York: Penguin, 1988.
- WHITROW, G. J. *O tempo na História - Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.
- WOOLF, Daniel. News, history and the construction of the present in early modern England. In: DOOLEY, Brendan; BARON, Sabrina (eds.). *The Politics of Information in Early Modern Europe*. London and New York: Routledge, 2001, p. 80-118.